

PIB fica abaixo de 2% em 2003, prevêem analistas

Vera Saavedra Durão
Do Rio

O cenário de crescimento da economia brasileira não deverá apresentar em 2003 alterações em relação aos últimos anos da administração do presidente Fernando Henrique Cardoso. Bancos e consultorias continuam mantendo previsões de taxas baixas de crescimento para a economia brasileira em 2003 — com projeções que variam entre 1,55% e 1,9% — apesar de o governo trabalhar com a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 2,2%, segundo as últimas previsões do Boletim do Focus do Banco Central.

A nova projeção oficial é inferior aos 2,8% estimados anteriormente pelo governo. Economistas de diferentes instituições financeiras e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), ouvidos pelo **Valor**, apontam como causa dessa expectativa pessimista a necessidade de o governo manter o ajuste externo, o que reduz a oferta de poupança externa ao país. Ao mesmo tempo, o Brasil precisaria sustentar uma política monetária rígida para ter a inflação sob controle, o que acaba restringindo o consumo das famílias e, consequentemente, a atividade econômica.

Luiz Afonso Lima, economista

sênior do banco BBV, aponta como o principal gargalo para o crescimento do Brasil, no curto prazo, o comportamento da massa real de salários. "O consumo das famílias, que pesa quase 60% no PIB, ainda é o fator mais importante para o crescimento econômico", destaca.

O BBV prevê para este ano uma queda de 2% na massa real de salários, o que aponta para a continuidade do desaquecimento da economia.

No médio e longo prazos, Lima realça como dois fatores indutores do crescimento a taxa de poupança e a taxa de investimento. O economista lembra que a taxa de investimento do

111

país fechou 2002 em 18,7% do PIB, uma das mais baixas registradas nos últimos 20 anos, inferior às taxas de investimento de outros países emergentes, como Índia (22,5%), Chile (20,7%) e México (20,7%).

“A taxa de investimento necessária para o Brasil crescer a 4% e 4,5% ao ano é de 22% a 23% do PIB. Estamos muito aquém disso”, alerta Lima.

Na avaliação do economista, para superar essa restrição, o país necessita incrementar sua taxa de poupança doméstica — seja pública ou seja privada — naturalmente sem desprezar a poupança externa. A poupança total do país fechou 2002 em

19,2% do PIB. Lima considera que a reforma da Previdência poderá ajudar a ampliar a poupança pública.

Lima lembra que o déficit da Previdência no ano passado, por conta dos servidores, foi de 4,2% do PIB. "Isso dá a dimensão do que a reforma da Previdência pode representar para o crescimento do país no longo prazo". De acordo com seus cálculos, se esse déficit for agregado aos 19,2% do PIB referentes à poupança total do país em 2002, seria alcançada uma taxa de 23,4% do PIB de poupança total "que já proporciona condições para uma taxa de investimento perto de 22% do PIB, garantindo cres-

As consultorias e bancos projetam para o ano que vem taxas de crescimento ligeiramente superiores às que estimam para 2003. O Ipea, por exemplo, que trabalha com uma taxa de crescimento de 1,8% para este ano, estima 2,8% para o ano que vem. O banco BBV trabalha com 2,9%. Na média do mercado, as taxas de PIB para 2005 e 2006, mais otimistas, são respectivamente previstas em 3,5% e 3,6%.

Esses números são inferiores às previsões do Ministério do Planejamento, que trabalha com o PIB crescendo a 3,5%, 4% e 4,5% nos próximos três anos.